

PRESSKIT
DIGITAL

NAS CENTE

da trama e
do som

TE



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

CARI RI
Centro Cultural

instituto
mirante

Curadoria de
Bitu Cassundé,
Eliana Amorim e
Maria Macêdo

NASCENTE DA TRAMA E DO SOM: NOVA EXPOSIÇÃO DO CENTRO CULTURAL DO CARIRI REÚNE UM CONJUNTO DE MESTRAS E MESTRES QUE SE CONECTAM PELAS MANUALIDADES COMO FORMA DE MOLDAR AS TERRITORIALIDADES E ANCESTRALIDADES DA REGIÃO

Com curadoria de Bitu Cassundé, Eliana Amorim e Maria Macêdo, a mostra reúne mais de 40 obras de lutheria e artes têxteis. A abertura acontece dia 31 de maio, no espaço expositivo do equipamento

“Tudo no mundo o homem faz, só não faz o que foi feito por obra da natureza.” O trecho da música da mestra Aurinha do Coco, citado por Maria Macêdo, como referencial para a construção da exposição Nascente da trama e do som, é porta de interpretações das produções que estarão presentes na exibição a partir do dia 31 de maio, na Galeria 03 do Centro Cultural do Cariri – equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, gerido em parceria com o Instituto Mirante de Cultura e Arte.

Tendo como principal fonte a matéria prima fornecida pela Chapada do Araripe, as obras da exposição unem lutheria e artes têxteis. Construídas a partir de elementos da natureza, carregam como inspiração as memórias e ancestralidades de mestres e mestras da região do Cariri, que pela primeira vez terão suas obras expostas no espaço expositivo do Centro Cultural.

Os mestres luthiers: Aécio de Zaira (Crato), Chico (Juazeiro do Norte), Totonho (Mauriti), Gil Chagas (Aurora) e Antônio Pinto (Aurora), apresentam na mostra seus instrumentos, em sua maioria elaborados artesanalmente, promovendo e difundindo o conceito de trabalho ligado ao território cultural de origem, na busca da preservação do saber viver em equilíbrio com a proteção da natureza.



O Mestre Gil Chagas conta sobre sua experiência: “Hoje eu faço instrumento com a maior consciência que a lutheria exige, é na alma, é na barra harmônica, viu? Tudo isso aí eu faço com consciência sobre medida. Eu sei qual é a medida que um instrumento vai pedir para eu fazer uma barra harmônica, eu sei qual é a necessidade que o instrumento vai me pedir a alma, eu sei... A alma é quem faz o instrumento vibrar”.

Junto à exposição, estão a Mestra Fanca (Juazeiro do Norte), a Mestra Dinha (Nova Olinda) e as Rendeiras de Bilro de Santana do Cariri, que com as mãos, traduzem as poesias da vida em tramas únicas. Fanca iniciou sua trajetória como contadora de histórias e hoje possui um belo acervo de obras pautadas em momentos de sua vida e marcos históricos da região do Cariri. A partir do relacionamento com a mãe e ouvindo diversas histórias populares em sua jornada, construiu uma produção visual repleta de peças bordadas, plena de efeitos lúdicos, texturas, volumes e detalhamentos cromáticos.

Mestra Dinha, demonstra em sua obra as complexas tramas da arte do tear, como herança de uma vida inteira de uma família dedicada à fabricação de redes coloridas. Já as rendeiras, mulheres que confeccionam redes de balanço, bico de pano de prato, toalhas, caminhos de mesa, almofadas, entre outras peças artesanais, utilizam como instrumentos na produção: espinhos de mandacaru, palha de bananeira e bilros de macaúba, palmeira típica da região. Todos esses trabalhos carregam narrativas da comunidade, relações pessoais e conhecimento, passado de geração em geração. A exposição Nascente da Trama e do Som é uma demonstração da sabedoria da vivência em equilíbrio, garantindo a abundância da matéria-prima que se encontra há tempos em todo o território. Os processos artísticos dos mestres e mestras serão compartilhados com o público a partir do dia 31 de maio. Às 9h30 acontece o cerimonial de abertura, no Pequeno Palco, com falas institucionais. Em seguida, as pessoas presentes serão convidadas para a Galeria 03, onde será apresentada a performance “Nave Espacial 11 11 00” do Mestre Aécio de Zaira, um experimento cósmico com mais de 60 instrumentos, que combina sons da natureza e experiências sensoriais.





ELIANA AMORIM

Propondo um convite a adentrar as ancestralidades presentes nas habilidades artesanais e sua interconexão com a vida e a arte na região do Cariri, a curadoria tece uma paisagem a partir da qual se pode imaginar um presente vivo e um futuro ancestral. Segundo Eliana Amorim “Trazemos o enlace entre a lutheria e as artes têxteis como possibilidade de relacionar seus imaginários, memórias e sensibilidades, parte desse reflorestamento que compreende seus seres com suas ciências, tradições e subjetividades”.

Mãe, retirante, artista visual, pesquisadora e arte educadora, Eliana Amorim é licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri e Coordenadora do Educativo do Centro Cultural do Cariri. Suas pesquisas e produções no campo das Artes Visuais abordam questões de gênero e raça no Brasil. Investigam as intersecções entre arte, magia e saberes tradicionais de cuidados e curas através da natureza, compartilhados entre mulheres sertanejas curandeiras. Conhecimentos acessados por meio da escuta ativa e do encontro com as memórias.

CURADORIA



MARIA MACÊDO

Maria Macêdo atua nos atravessamentos das artes visuais, com experimentações no campo do teatro e música, desenvolvendo trabalhos artísticos a partir da ciência da mata e traçando caminhos a partir das lacunas historiográficas, das construções afetivas e das memórias comunitárias. “Nascente reúne um conjunto de mestras e mestres que se conectam pelas manualidades como forma de moldar as territorialidades e ancestralidades do Cariri Cearense”, conta. Maria é uma mulher negra, caririense, artista, educadora, pesquisadora, licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri e Coordenadora de Patrimônio Cultural e Memória do Centro Cultural do Cariri.

CURADORIA



BITU CASSUNDÉ

Curador do Museu de Arte Contemporânea do Ceará de 2013 a 2020, Bitu Cassundé coordenou o Laboratório de Artes Visuais do Porto de Iracema da Artes de 2013 a 2018. Também integrou a equipe curatorial do projeto À Nordeste, no SESC 24 de Maio, em São Paulo (2019). Para ele, “As obras expostas ressoam o conhecimento e a sensibilidade integrantes da pluralidade cultural de uma região abraçada pela Chapada do Araripe, onde os mestres e mestras são troncos fortes que compõem esse ecossistema”.

Bitu está como Gerente de Patrimônio Cultural e Memória do Centro Cultural do Cariri e desenvolve trabalhos e pesquisas transdisciplinares que articulam educação, artes visuais e curadoria em diversas Instituições no Brasil e no exterior, com foco nas relações entre vida, patrimônio cultural e arte.

CURADORIA
CHAPADA DO
ARARIPE

SOBRE O CENTRO CULTURAL DO CARIRI

Inaugurado no dia 1º de abril de 2022, o Centro Cultural do Cariri é um espaço para a discussão e promoção da arte, ciência e tecnologia, aliadas à tradição cultural e à contemporaneidade, estando aberto aos processos de experimentação e intercâmbio. Instalado na cidade de Crato, Ceará, é conceituado com um Centro Cultural Parque e sua infraestrutura atende, especialmente, a Região do Cariri Cearense composta por 29 municípios. Com mais de 50 mil metros quadrados de área, conta com espaços expositivos, residências artísticas, rádio escola, salas de formação, palco para espetáculos e projeções de cinema e ateliê de artes e ofícios.

A área externa concentra os espaços esportivos e de lazer, na perspectiva de esporte de participação e educacional, através de areninha, pistas de skate e quadras de areias, além da expressiva área verde e do equipamento voltado especificamente para o público infantil, a brinquedopraça. Em processo de estruturação, estão o teatro escola, as salas de aula e ensaio, o café, o restaurante escola e o planetário. Toda programação é gratuita.

SERVIÇO

Exposição “Nascente da trama e do som”

Curadoria de Bitu Cassundé, Eliana Amorim e Maria Macêdo

Centro Cultural do Cariri – Galeria 3, piso 2

ONDE ESTAMOS LOCALIZADOS

Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo

Av. Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, 1, Gizélia Pinheiro (Batateiras), Crato-CE

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Bibiana Belisário

ascom.cccariri@institutomirante.org



**MESTRES E MESTRAS
CONECTADOS PELAS
MANUALIDADES EM
MAIS DE 40 OBRAS DE
LUTHIERIA E ARTES
TÊXTEIS**



“O entalhe das madeiras
no primoroso trabalho de
luthieria, guardam a memória
de caminhos que constituem
o chão originário do Cariri
Cearense”

NASCENTE DA TRAMA E DO SOM

Dedos rodeados de anéis metálicos tracejam a gume de faca a lisura da madeira, para dali fecundar o embrião da música. Outras mãos, quentes, acolhem agulhas para com elas rememorar lugares e histórias da infância. Espichar o couro dos tambores, encaixar “a alma” que faz vibrar o som do instrumento de maneira harmoniosa e escrever histórias com linhas são poéticas e saberes de uma experiência de mundo profundamente conectada com o território e suas particularidades. Com as mãos, as poesias da vida são tocadas para oferecer tramas e sons.

Nas danças da memória e da reinvenção através do tempo, essa **Nascente** reúne um conjunto de mestras e mestres que se conectam pelas manualidades como forma de moldar as territorialidades e ancestralidades do Cariri Cearense. As paisagens desenhadas por agulhas e espinhos nos bordados e rendas, bem como o entalhe das madeiras no primoroso trabalho de lutheria, guardam a memória de caminhos que constituem esse chão originário. O nascedouro das águas e árvores como o buriti, o jenipapo, a timbaúba e a umburana, sendo mães que alimentam, geram poderes curativos e artesanias de primeira grandeza para aqueles e aquelas que conhecem o segredo da terra e tecem com primazia histórias não capturadas pela escrita.

Nos interiores dos lugares, quilombos, aldeias e nas comunidades da terra de maneira geral, há uma riqueza na feitura, criação e manipulação da vida a partir do uso de saberes atrelados ao sentido de “começo, meio e começo”, de Nêgo Bispo, e que se fundamentam nas mestridades. Mestra Dinha (Nova Olinda), Mestra Fanca (Juazeiro do Norte) e o grupo Rendeiras de Bilro de Santana do Cariri compartilham a exposição com os mestres Aécio de Zaira (Crato), Chico (Juazeiro do Norte), Totonho (Mauriti), Gil Chagas (Aurora) e Antônio Pinto (Aurora), onde técnicas e procedimentos artísticos são apresentados como estéticas e arquivos que versam sobre quem os produz, seu território e sua relação com o mundo: são traquejos da existência.



Pelos cheiros, rastros e texturas de tempos antigos, as obras expostas ressoam o conhecimento e a sensibilidade integrantes da pluralidade cultural de uma região abraçada pela Chapada do Araripe, onde os mestres e mestras são troncos fortes que compõem esse ecossistema. Como em um fluxo contínuo que vibra criação, memória e território, a exposição propõe uma interpretação das histórias manuais do Cariri, abrindo espaço para uma movência onde essas existências se façam presentes e pulsantes.

Nesse sentido, a gerência de Patrimônio Cultural e Memória do Centro Cultural do Cariri, sob o viés de vislumbrar ancestralidades a partir das manualidades, entrelaçadas na arte e vida neste território, propõe a exposição como um convite à conexão: o enlace entre a lutheria e as artes têxteis como possibilidade de relacionar seus imaginários, memórias e sensibilidades, parte desse reflorestamento que compreende seus seres com suas ciências, tradições e subjetividades. Com isso, **Nascente** esculpe e tece uma paisagem a partir da qual se possa imaginar um presente vivo e um futuro ancestral.

Eliana Amorim
Francisco Pereira
Maria Macêdo
Bitu Cassundé

“Costurar as tramas, passar o mamucabo, empunhar e pregar a varanda eram dentro de casa. Esse ritmo de trabalho ainda é religiosamente seguido por Dinha.”



MESTRA DINHA, DAS TRAMAS E REDES COLORIDAS

Na subida de uma rua íngreme de calçamento de pedras e com cabras descansando à sombra das casas da vizinhança. Ao longe, uma casinha amarela e verde, de calçada alta e muito bem varrida, se encontra em sua parede bem pintada uma placa dizendo: aqui se guarda a memória de um saber adquirido com muito encanto.

Essa é a casa 09 da Rua São Francisco de Assis que guarda as lembranças de um ofício orgulhosamente mantido por Raimunda Ana da Silva, a Dona Dinha das redes coloridas e duradouras da Vila Alta em Nova Olinda.

No dia 30 de dezembro de 1950, Dona Dinha foi a quinta filha a nascer de Luis Liberalino da Silva e de Ana Antônia de Oliveira. Criada com oito irmãos que dividiram o labor da roça com o tecer das redes.

As mulheres e a mãe cuidavam do governo do órgão, pente, queixa, braço, liço, pisadeira, carretel e caneleiro do único tear da casa que era regido com aptidão pela irmã mais velha, Maria Viana.

Como numa dança, o tear manual era movimentado com os braços e os pés no quintal da casa. Para iniciar a produção era necessário urdir as linhas, colocá-las no tear para tecer lindas e firmes tramas coloridas. Costurar as tramas, passar o mamucabo, empunhar e pregar a varanda eram dentro de casa. Esse ritmo de trabalho ainda é religiosamente seguido por Dinha.

A rotina dos trançados da casa de sua mãe também era a rotina das famílias vizinhas. Ao total eram seis teares em produção na sua rua, um verdadeiro território do saber para uma criança como Dinha. De todas as fases de produção, a que mais lhe encantava era o tear que sua irmã dominava. Aguardou resiliente uma oportunidade para experimentar e aos 12 anos aprendeu sozinha, observando, os trançados no tear velho que fora substituído por um novo pela família.



Com esse mesmo tear manual, Dona Dinha se tornou uma fábrica de redes em uma só pessoa. É a única de seus irmãos a manter o trabalho que até hoje executa com muita maestria acarinhando e embalando adultos e crianças no balançar de suas redes. Dona Dinha engrandece a potência das vontades que moram dentro da gente quando assumimos ser felizes com o que escolhemos. Tecer é a forma concreta da trajetória de sua vida. São os movimentos herdados em seu corpo, que afirmam seu reconhecimento como Mestra Dinha, das tramas e redes coloridas.

Fabiana Barbosa

Assessora Executiva do Centro Cultural do Cariri





“Dedos rodeados de anéis metálicos tracejam a gume de faca a lisura da madeira, para dali fecundar o embrião da música.”

LUTHIERIA CARIRI

O Cariri cearense é uma terra rica, onde mestres fazedores da cultura criam realidades concreto-sonoras com suas manualidades, mantendo o repertório musical de agrupamentos tradicionais e iniciativas individuais. A construção de instrumentos musicais artesanais é comum em espaços rurais e urbanos da região.

A palavra luthier deriva do francês “luth”, que significa “alaúde”, um antigo instrumento musical árabe de cordas. Originalmente, luthier referia-se a quem construía ou consertava instrumentos de cordas, especialmente da “família do alaúde”. Com o tempo, o termo passou a designar construtores de diversos tipos de instrumentos, não só de corda.

Os luthiers do Cariri cearense dedicam-se à construção de instrumentos de cordas friccionadas ou dedilhadas, como rabecas, violinos e violões, acústicos ou elétricos. Além de instrumentos de sopro, a exemplo das flautas e pífanos. Na percussão, temos caixas, zabumbas e xilofones. Destacam-se ainda instrumentos raros e inusitados, como o tank drum, conhecido no Brasil como o tambor de língua de aço, a viela de roda e a smallpipes escocesa.

Já a luthieria, área de atuação dos luthiers, permite a produção de cultura, arte e música, oferecendo uma oportunidade profissional importante, embora a maioria não viva exclusivamente deste ofício.

A diversidade destes realizadores de sonhos sonoros do Cariri é representada nesta exposição pelos mestres Aécio de Zaira (Crato), Chico (Juazeiro do Norte), Totonho (Mauriti), Gil Chagas (Aurora) e Antônio Pinto (Aurora). Infelizmente, ainda sem uma representante mulher.

Ser luthier é uma luta constante para manter a tradição diante da indústria, que democratiza o acesso a instrumentos musicais a baixo custo, mas introduz milhares de exemplares seriados no mercado, dificultando a continuidade do ofício artesanal e a preservação desse saber secular.

Marcio Mattos

Professor da Universidade Federal do Cariri





“Nasci na quarta-feira, na quinta me batizei, na sexta arranjei um noivo e no sábado me casei...”

CONTOS NA TECITURA: SOB AS AGULHAS E OS GESTOS DA MESTRA FANCA

“ Nasci na quarta-feira, na quinta me batizei, na sexta arranjei um noivo e no sábado me casei...” Enquanto tece, canta Mestra Fanca.

Francisca Mendes Marcelinho, ou Fanca (1949), juazeirense, uma dos sete filhos de Euclides Vicente Marcelino (Doca) e Expedita Mendes Marcelino (Dita Pajeú), tornou-se educadora do tempo do tecido, da voz e do traço da memória. Atuou como professora primária de escolas públicas, e intimamente, sempre escreveu. Aprendeu que a memória é a filosofia da escuta: primeiro escuta-se para depois se contar. Na adolescência, com a mãe se iniciou e aperfeiçoou sua lida nos fazeres da costura, bonecaria, confecção de vestuário e aplicações, profissão que exerceu por longo período.

Acontece que, nos caminhos que ligam a tecitura e a inquietude em concretizar as histórias que os ouvidos devoravam, e os estímulos de sempre repassá-las, se fez Griô com uma produção visual aglutinante, onde peças bordadas saltam em efeitos lúdicos de originalidades volumétricas e detalhamentos cromáticos ímpares.

Em um dos seus primeiros panôs, instigada pelos causos reais narrados pela mãe, remonta biograficamente a história de Hipólito Ferreira da Silva (Popô), seu bisavô. Na obra, intitulada A Chegada de Hipólito (2009), o romeiro alagoano de Arapiraca, herdeiro de terras, de honestidade singular, largou tudo ao vir com esposa e filhas, rogado de graças e apreço pela figura do Padre Cícero Romão Batista. Na pujante Joaseiro, ao encontrar o santo padre, dele ganha terras próximas a Serra do Catolé (Horto) e adquire protagonismo pela dedicação em trabalhar a terra. Tempos mais tarde a comunidade designa um novo nome para o local e, em sua homenagem, o chamam de Sítio Popôs.



Em relato recente, bordando de forma maestral uma cobertura de retalhos para uma bola de pano, Mestre Fanca cantarola um som ritmado de um drama de infância, enquanto relembra que a arte sempre esteve presente em suas brincadeiras. Artífice de histórias, a Mestre passou a estabelecer cronologias tanto narradas pelos dedos como pelo o canto.

Sua obra vibrante perpassa por fragmentos autobiográficos como nos panôs Retalhos de uma Vida (1995) e Família (2022), estabelecendo também ritmos com as festividades religiosas, as lutas sociais do Nordeste e do Cariri e as riquezas do território, como a exuberante Chapada do Araripe. Majoritariamente costureira, pois, segundo ela, “pintar é muito difícil”, migrou a técnica do alinhavado da alfaiataria para compor através de aplicações de retalhos e enchimentos suas peças de panôs. Seu processo criativo passa pelo fabrico da narrativa visual logo após a apreensão da história oral. Nesta etapa surgem os primeiros croquis rabiscados em papel e a separação destes em componentes de forma individual, utilizando papéis de espessuras mais consistentes, seguido de cortes de retalhos preparados sobre os moldes e as marcações no tecido, onde base são desenhadas para que o processo de alinhavamento de cada elemento seja feito.

A força do alinhavado, o vai e vem de pequenas durezas, em cima e embaixo, imprimindo, compassadamente, aos fio uma nova natureza, a sustentação da própria lógica, dão aos alto-relevos da Mestre Fanca, uma sistemática sensação de espacialidade tridimensional, em cenas que saltam aos olhos num minucioso jogo de detalhes. Num mundo de personagens flutuantes sobre o chão e sobre o céu, o bordado nos revela os aspectos imagéticos que permeiam toda organização de expressões, gestos, texturas e coexistências das realidades da Mestre. Seu mundo bordado nos revela outro mundo mais feliz. Suas cartografias tecidas, apresentam sem dúvida o valor e a intensidade de um mundo educado a salvaguardar a memória.

Rawan Carvalho

Assistente de curadoria



“A alma é quem
faz o instrumento
vibrar”



A MÃO COMO INSTRUMENTO

Debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão e se fartar de pão
Decepar a cana, recolher a garapa da cana.
Roubar da cana a doçura do mel, se lambuzar de mel
Afagar a terra, conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação e fecundar o chão.

Canção Cio da Terra de Chico Buarque (1977)

Essa canção detalha perfeitamente o processo criativo destas mestras e mestres, luthiers e artistas têxteis, presentes na exposição Nascente da trama e do som.

Eles nos trazem a prática do fazer com as mãos, que nasce e se transforma a partir da tradição de saber trabalhar a força da terra. Essa força que alimenta o corpo e a alma, transformando a matéria em cada exercício de trabalho criativo.

Exercícios que fazem da rotina cotidiana, processos de criação, de sonhos e desejos, registrados nestas obras que despertam em nós a paixão pela descoberta.

Mais do que apresentar estas obras, queremos agradecer aos artistas a oportunidade que eles nos oferecem de compartilhar a beleza revelada nestes materiais, convidando-nos a praticar o sonho todos os dias por meio do nascedouro de nossas mãos.

Rosely Nakagawa

Diretora do Centro Cultural do Cariri





Rendeiras de
BILRO
ARBISC - ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DE
BILRO DE SANTANA DO CARIRICE

Rendeiras de
BILRO
ASSOCIAÇÃO DAS RENDEIRAS DE
SANTANA DO CARIRICE

“A gente está sempre ensinando a quem desejar, né? Quem desejar aprender a gente só tem uma expressão: é prazeroso e sente aqui!”

RENDEIRAS DE BILRO DE SANTANA DO CARIRI

“A gente vai no pé de mandacaru tirar os espinhos. Quando a gente acha um pé, vai lá e tira com um alicate, porque daqui há três anos eles nascem de novo. Como as pessoas sabem que a gente usa, aí vão lá também e trazem. Tem gente que corta o pé de mandacaru e joga fora, mas se eu ver, eu brigo! Eu tenho um dó... A gente tem que preservar a natureza!” Dona Toilza fez uma pausa, lembrando, e logo emendou a conversa: “Meu menino disse que dormia rápido com o barulho dos bilros quando era pequeno. Escuta aqui, parece chuva no telhado, né?”

Histórias como essa perpetuam o imaginário da feitura das rendas de bilros em Santana do Cariri. A forma de tecer os fios é quase uma dança: de um lado a movimentação dos bilros e a rapidez das mãos, do outro o entrelaçamento das linhas, os nós e as tramas. Pensar na prática individual, nos processos e peças produzidas, é também um manifesto da memória coletiva, pois o aprendizado é passado de geração em geração durante anos. As rendas podem ser descritas como artesanato popular, uma indústria doméstica e familiar. Em Santana, carregam as características do sertão cearense: no lugar de alfinetes, são usados espinhos de mandacaru, almofada de palha de bananeira e bilros de macaúba, palmeira típica na região. Todo o material é produzido artesanalmente e carregam narrativas da comunidade e das relações pessoais que permeiam a criação das peças.



Os principais produtos feitos pelas rendeiras de Santana são redes de balanço, sob encomenda, que podem demorar até seis meses para serem finalizadas. Também confeccionam bico de pano de prato, toalhas, caminhos de mesa, almofadas, entre outras peças. O modelo da renda vai depender do desenho ou tipo de ponto, assim como da quantidade de bilros, que pode passar de centenas.

Os pontos recebem nomes diferentes de acordo com a região onde é feito. As mulheres rendeiras de Santana tramam os fios de algodão em dois pontos principais: “ponto aberto” e “ponto fechado”.

A compreensão das práticas artesanais das rendas de bilros está ligada à identidade e às manifestações culturais fortemente relacionadas com o território, comunidades e vida em sociedade.

Zulmira Correia

Artista, designer e escritora



PROGRAMA EDUCATIVO

O Programa Educativo do Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo realiza ações ligadas às exposições, criando um ambiente plural para o compartilhamento de conhecimentos tradicionais e contemporâneos. Oferece uma experiência educativa mais inclusiva, aproximando práticas pedagógicas e culturais através de mediação, oficinas, formações para professores, estudantes e agentes culturais.

As visitas mediadas são uma estratégia democrática que transforma a fruição em uma experiência educativa. Grupos agendados participam de roteiros investigativos com programas formativos específicos. Além disso, o programa desenvolve e compartilha materiais didáticos para auxiliar professores no ensino de arte.

As atividades são conectadas aos temas das exposições, abordando aspectos conceituais, poéticos, estéticos, técnicos e processuais. O programa também atende diferentes grupos sociais, desenvolvendo recursos de apoio para pessoas com deficiência, idosos e pessoas em situação de vulnerabilidade, oferecendo visitas agendadas com profissionais atentos às particularidades e necessidades específicas. Utilizam-se recursos de acessibilidade como audioguias, textos em braile, obras táteis e videoguias em Libras.



VISITAS E PERCURSOS MEDIADOS

As visitas às exposições são acompanhadas por mediadores(as), que acolhem e abordam o público de acordo com suas particularidades, como idade, escolaridade e contextos sociais e culturais.

Os percursos imergem os visitantes nos universos dos mestres e mestras das artes têxteis e lutheria, que transformam matéria-prima em obras através de manualidades. Estas práticas moldam as territorialidades e ancestralidades da região e ressoam conhecimentos e memórias na Chapada do Araripe.

Como faço para agendar uma visita mediada?

Grupos, escolas e instituições, como Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), podem realizar o agendamento para visitas mediadas através do formulário online (**clique aqui**). A atividade pode ser marcada para até 50 pessoas, que podem ser divididas em dois ou três grupos. Basta preencher todas as informações no formulário e aguardar o contato do Centro Cultural.

As visitas também são acessíveis em Libras. Além disso, o equipamento disponibiliza uma cadeira de rodas e um carrinho elétrico para pessoas com mobilidade reduzida.



ATELIÊ CRIANÇA ARTEIRA

O programa proporciona às crianças e adolescentes uma experiência de exploração estética e artística. Após mediações adaptadas ao público infantil nas exposições em cartaz, são realizadas atividades práticas relacionadas aos temas e técnicas apresentados. O intuito é estimular a criatividade, imaginação e curiosidade das crianças, promovendo um ambiente propício para o diálogo e a troca de experiências. Essas atividades contribuem para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos participantes, incentivando a valorização mútua e a expressão respeitosa de opiniões.

Pintura Livre

Em um ateliê aberto, a atividade pode acontecer antes ou depois da mediação na exposição, onde são compartilhadas ilustrações para as crianças colorirem. As imagens são acompanhadas de informações biográficas sobre obras e processos dos ofícios de mestres da lutheria e das artes têxteis.

Classificação indicativa: Livre

Construção de instrumentos musicais

A oficina tem como objetivo proporcionar uma experiência artística e artesanal, utilizando materiais recicláveis para a construção de instrumentos musicais. Buscando incentivar a criatividade das crianças, aproximando-as do universo da música e do trabalho dos mestres luthiers.

Classificação indicativa: 10 anos



ATELIÊ FEITO A MÃO

Este programa é direcionado ao público adolescente e adulto, destacando a leitura, compreensão e experimentação artística em profundidade. Após as visitas mediadas nas exposições, são realizadas atividades que exploram conceitos e práticas artísticas utilizando diversas técnicas e materiais. As atividades se baseiam nos processos de formação artística vivenciados pela população caririense, dentro de oficinas e ateliês de artistas e mestres e mestras da região, que possuem processos criativos baseados nos conhecimentos ancestrais transmitidos oralmente.

Tecendo Memórias: Oficina de Introdução à Tecelagem

A oficina abordará os princípios básicos da tecelagem, convidando os participantes a se aproximarem dos fazeres têxteis manuais. Histórias, observação e narrativas dos participantes serão estimuladas para compreender a importância dos tecidos, assim como os ofícios das mestras presentes na exposição. Serão apresentados materiais, composições, pontos e cores que poderão ser utilizados na elaboração de uma peça de pequena dimensão.

Classificação indicativa: Livre

Tecendo Memórias: Vivência com Crochê

A vivência em crochê reúne pessoas interessadas em aprender e praticar os princípios básicos da técnica de criação de tecidos usando agulha e linha. Serão momentos de conversa e prática para construir visuais inspirados na exposição e nas experiências individuais de cada participante, em um ambiente de ateliê aberto.

Classificação indicativa: 12 anos



ARTE EDUCAÇÃO EM FOCO

O programa oferece formação para educadores(as) da rede pública e privada de ensino, além de estudantes de graduação, com o objetivo de compreender a importância da arte na educação. Busca-se desenvolver práticas pedagógicas e metodologias atraentes, eficazes e adaptadas às necessidades dos estudantes, por meio de atividades de curto e médio prazo. Guiado pela atualidade das pesquisas e metodologias educativas, o programa aborda temas como gênero, raça, acessibilidade e diversidade, visando construir abordagens inclusivas para a população do Cariri.

Os encontros com educadores visam aprofundar a compreensão sobre a vida e obra dos mestres e mestras da Luthieria e das Artes Têxteis da região. Busca-se investigar suas práticas docentes e apresentar suas trajetórias e conhecimentos da tradição popular do Ceará. Além disso, a formação procura desenvolver propostas e materiais pedagógicos em colaboração com os educadores, visando sua aplicação tanto no ambiente escolar quanto em espaços de educação não formal, contribuindo para a preservação do patrimônio vivo do Cariri Cearense e transmitindo saberes às futuras gerações.



IMAGENS, ÁUDIOS E VÍDEOS PARA DOWNLOAD

OBRAS E FOTOS PARA A DIVULGAÇÃO

TEASER OFICIAL

ÁUDIOS

VÍDEO MESTRAS

VÍDEO MESTRES

EXPEDIENTE

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Bibiana Belisário

Coordenadora de Comunicação

Allan Bastos

Coordenador de Comunicação Institucional

Rayssa Leonel

Assessoria de Imprensa

Nirvana Lima

Analista de Mídias Sociais

Aécio Diniz

Pâmela Queiroz

Produção em áudio

Rafael Monteiro

Designer

Samuel Macedo

Fotógrafo

Hélio Filho

Zizome Gouveia

Videomakers

Bruno Justino

Débora Rozado

Estagiário(a)



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

CARIPI
Centro Cultural

instituto 
mirante